

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

O MAL-ESTAR NAS DEMOCRACIAS: UMA LEITURA A PARTIR DE KLEIN

Filipe Pereira Vieira

O psiquismo kleiniano: a dinâmica das posições

Diferentemente das teses freudianas, que defendem a ideia do ego do bebê se desenvolvendo com base no “narcisismo primário” (Freud 1914), e que tem como principal recurso de defesa a repressão e a angústia de castração, Klein afirma que o bebê já chega ao mundo com um ego arcaico, cujo principal mecanismo de defesa é a “cisão” (Klein, 1946). Em outras palavras, o recém-nascido experimenta uma sensação de plenitude total no útero materno, protegido de ameaças como frio, calor, barulho, fome e desconforto intestinal. Após o nascimento, o bebê enfrenta uma série de incômodos que ainda não consegue compreender. Diante desse horror, o ego do lactente se fragmenta (cisão), exigindo da mãe (ou de quem cuida dele) uma presença constante e devotada.

Para esse sujeito, tudo é novidade; ele não entende o que está acontecendo ao seu redor. O bebê kleiniano não sabe onde está, para onde vai, ou quem está ao seu lado. O que ele pode fazer é sobreviver ao seu caos intrapsíquico, oriundo da ação da pulsão de morte. Nesse turbilhão emocional, o bebê manifesta um impulso que Klein chama de “sadismo oral, anal e uretral”. Embora esses conceitos possam parecer complexos, a ideia central é clara: o bebê kleiniano precisa salvar a si mesmo, e para isso, utiliza seus próprios recursos. Sua boca morde; suas fezes se tornam bombas explosivas; sua urina, como ácido. Tudo isso, ocorre, porém, em fantasia.

Sem capacidade simbólica, o bebê não tem noção de cronologia. Para ele, não importa se a mãe está ausente por dois minutos ou vinte; seu medo, resultando em diversos cenários de ansiedade, o faz projetar suas emoções no ambiente. O mundo externo, então, passa a ser “manchado” por essas projeções. O caos interno agora também é externo. Ora, como diz o ditado, tudo aquilo que vai, volta; o que é projetado é também introjetado.

Ao projetar sua pulsão de morte no mundo externo, o bebê sente que a mãe, tingida por suas projeções, o atacará com a mesma intensidade. Assim, a mãe é

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

percebida pelo bebê ora como boa, ora como má. Quando a mãe cuida do lactente, embalando-o, alimentando-o e confortando-o, ele sente-se acolhido pelo “seio bom”. No início da vida, portanto, é como se existissem dois seios: um bom e um mau, sem meio termo. O bebê não tem maturidade psíquica para lidar com a ambivalência até aproximadamente seis meses de idade, período em que vive uma relação de “objeto parcial”. Klein chamou esse estágio de “posição esquizoparanoide” (Klein, 1946).

Diferentemente do pensamento freudiano, que estrutura o desenvolvimento psíquico em fases psicosssexuais (oral, anal, fálica e genital), Klein propõe uma compreensão dinâmica do psiquismo, oscilando entre a posição esquizoparanoide, dominada por relações de objeto parciais, e a posição depressiva (Klein, 1935), quando o indivíduo consegue estabelecer relações de “objeto totais”. Ao atingir a posição depressiva, o bebê percebe que o seio bom e o mau são o mesmo, ou seja, a mãe que ataca e devora é a mesma que cuida e acalenta.

Entretanto, a posição depressiva só é alcançada em um ambiente que ofereça cuidados consistentes. Quando o bebê reconhece a totalidade do objeto, ele começa a realizar pequenas reparações, tentando amenizar os “estragos” causados em fantasia. Entre os seis e sete meses, o infante começa a sorrir mais para a mãe, mas para isso, ela precisa estar presente para receber as reparações. Gradualmente, através desse ciclo de destruição, sobrevivência e reparação, a posição depressiva é atravessada, promovendo a maturidade. Klein (1946/2023) afirma que “esse primeiro objeto bom interno atua como um ponto focal no ego. Ele contrabalança os processos de cisão e dispersão, é responsável pela coesão e integração, e é instrumental na construção do ego” (p. 28).

Na posição depressiva, o indivíduo, em sintonia com a força do objeto interno bom, passa a ponderar os seus impulsos agressivos, pois reconhece que eles podem causar danos a outros objetos. *Grosso modo*, é nesse processo que aprendemos a nos colocar no lugar do outro.

Para Klein, não existe uma conquista psíquica definitiva. Estamos sempre alternando entre a posição depressiva e a posição esquizoparanoide. Essa visão revela nossa fragilidade egoica, mostrando que não estamos “inteiros” o tempo todo. Quando confrontados com o caos externo, as violentas introjeções desse terror e desamparo podem dominar o nosso psiquismo.

Com a cisão do ego, encontrar o bom objeto interno se torna uma tarefa difícil, especialmente porque, dependendo da intensidade dessa cisão, o psiquismo pode se

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

despedaçar e desorganizar. É como se ele deixasse de existir por um momento, levando-nos a agir por instinto. Assim como uma garrafa quebrada em cacos de vidro não pode mais conter líquido, na cisão do ego, a distinção entre dentro e fora se dissolve, criando uma grande confusão. Nesse retorno à posição esquizoparanoide, projetamos nosso caos interno no mundo externo, pois nosso psiquismo é incapaz de simbolizar tamanha turbulência. Devido à vulnerabilidade nessa posição, as fases de sadismo oral, anal e uretral tornam-se predominantes. Se o indivíduo não consegue pensar de forma integrada, ele recorre a seus recursos primitivos.

Esse movimento, lamentavelmente, está na própria raiz dos laços sociais contemporâneos, ameaçando a integridade de nossa sociedade democrática e colocando nossas relações em xeque.

Um olhar kleiniano para a crise das democracias

À medida que aprofundamos a compreensão das ideias de Klein, percebemos que o retorno à posição esquizoparanoide, caracterizado pela fragmentação do ego e pela projeção do caos interno no mundo externo, não se limita à psique individual, mas pode ser observado em fenômenos sociais e políticos. Em tempos de crise na democracia, como os que vivemos atualmente, a ascensão de movimentos extremistas e a proliferação do discurso de ódio podem ser vistos como expressões coletivas dessa dinâmica psíquica.

Quando a sociedade enfrenta incertezas econômicas, culturais ou políticas, o medo e a ansiedade que emergem podem levar à regressão para formas mais primitivas de funcionamento psíquico. As crises humanitárias nos conduzem a estados de pura desintegração psíquica. Nesse estado, as pessoas tendem a dividir o mundo em extremos: o “bom” e o “mau”, o “nós” e o “eles”, perdendo a capacidade de lidar com a complexidade e a ambivalência inerentes à vida em sociedade. Assim como na posição esquizoparanoide descrita por Klein, em que o bebê projeta suas angústias internas no ambiente, as sociedades em crise podem projetar seus medos em grupos ou ideologias percebidos como ameaçadores, gerando um ciclo de violência e exclusão.

Nesse sentido, os movimentos extremistas, com sua visão simplista e maniqueísta do mundo, oferecem uma falsa sensação de segurança para aqueles que se sentem ameaçados pelo caos externo. O discurso de ódio, por sua vez, funciona como uma válvula de escape para a angústia, permitindo que as projeções mais

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

sombrias sejam descarregadas sobre o “outro”, transformando-o em um objeto a ser destruído – trata-se do objeto persecutório que precisa ser aniquilado. Nesse processo, o vínculo social se fragmenta, e o “seio bom” coletivo – representado por valores como a tolerância, a democracia e o respeito pelos direitos humanos – é atacado e desvalorizado.

A crise na democracia, então, pode ser vista como um reflexo dessa cisão coletiva, na qual a capacidade de pensar de forma integrada e de reconhecer a totalidade do “objeto” – a comunidade, a nação, a humanidade – é comprometida. Assim como no desenvolvimento psíquico individual, em que o reencontro com o bom objeto interno é fundamental para a recuperação da coesão do ego, no plano social é crucial que as instituições democráticas funcionem como esse “seio bom”, contendo as angústias e oferecendo um espaço seguro para a reparação e reconstrução das relações humanas.

Muito embora, Klein não tenha se debruçado sobre temas políticos e sociais, alguns de seus textos tocam nesses assuntos, ainda que de maneira indireta. Cito uma breve passagem, à guisa de exemplo:

Quando a ansiedade persecutória é menos intensa e a projeção, que atribui majoritariamente bons sentimentos aos outros, *torna-se assim a base da empatia*, a resposta do mundo externo é muito diferente. Todos nós conhecemos pessoas que têm a capacidade de serem queridas. Temos a impressão de que elas têm alguma confiança em nós, e isso evoca um sentimento amistoso de nossa parte. (Klein, 1959/2023, p. 325, grifos meus)

A democracia, assim como o psiquismo humano, só pode amadurecer e sobreviver se for capaz de enfrentar as crises e as angústias sem sucumbir ao medo e à violência. Em última análise, a ascensão dos movimentos extremistas e do discurso de ódio nos desafia a encontrar formas de resgatar o “seio bom” em nossa vida coletiva, reafirmando os valores que nos permitem viver juntos, apesar de nossas diferenças.

Algumas palavras finais

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

Quando questionado por Albert Einstein sobre por que os homens fazem guerras, Freud respondeu:

[...] Quando os homens são incitados à guerra, neles há toda uma série de motivos a responder afirmativamente, nobres e baixos, alguns abertamente declarados, outros silenciados. [...] O prazer na agressão e na destruição é certamente um deles; as inúmeras crueldades que vemos na história e na vida cotidiana confirmam sua existência e sua força. (Freud, 1932/2010, p. 428)

Essa resposta sugere que o ódio, mais do que o amor, é o que muitas vezes une as pessoas. Um exemplo contemporâneo dessa união social pelo ódio é a “cultura do cancelamento” (Tourinho, 2024). Este fenômeno, amplificado pelas redes sociais, envolve a denúncia e o boicote público de indivíduos ou grupos por comportamentos ou opiniões considerados ofensivos ou inaceitáveis. Embora a cultura do cancelamento possa servir como uma ferramenta de responsabilização, ela também é criticada por promover julgamentos precipitados e uma intolerância ao diálogo.

Ao correlacionar esses exemplos com a teoria kleiniana, podemos ver como o cancelamento, o *bullying* e até mesmo o incentivo à violência em brigas escolares revelam a força do sadismo humano. Para aqueles que não integraram sua agressividade ou não alcançaram a posição depressiva – que permite empatia e a capacidade de se colocar no lugar do outro – esses atos representam uma entrega aos impulsos destrutivos da posição esquizoparanoide. No contexto do cancelamento, por exemplo, o objeto cancelado é visto como mau e, portanto, deve ser eliminado, como se fosse uma ameaça que precisa ser neutralizada. O paradoxo aqui é que quanto mais ódio se projeta no objeto cancelado, mais o ódio se intensifica. Isso ocorre porque, ao projetar essa carga emocional, a tentativa de compreender a situação de uma nova perspectiva gera o temor de retaliação pelo indivíduo cancelado.

Penso que talvez Klein nunca tenha sido tão atual. Em contrapartida ao ódio, temos a cultura, a arte e o amor. Falar de amor pode parecer utópico, mas a educação e a civilização só se tornam possíveis através dele. Sem amor, o ego não sobrevive. Lembro-me de uma fala da cantora Madonna durante a promoção do álbum *American Life* (2003), quando foi perguntada por um fã se “religião era amor”, ela respondeu:

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

Religião é amor? Não. Amor não tem nada a ver com religião. Religião é uma ideia que alguém põe na sua cabeça. Religião é julgamento. Religião é sofrimento. Religião é conformismo. Religião é submissão. [...] Amor não tem nada a ver com religião. *Amor não divide*. (Ciccone, 2003, grifos meus)

Madonna expressa com clareza que o amor não divide. Uma criança criada em um contexto sociocultural dividido não tem muitas opções além de internalizar uma moralidade debilitante que distingue rigidamente entre o bem e o mal. Não porque ela não tenha experimentado seus próprios impulsos agressivos, que, no melhor dos cenários, resultariam em uma responsabilização madura, mas porque sofreu uma introjeção violenta de uma moral inibidora. Quando nossos impulsos destrutivos não são vividos, elaborados e integrados, eles se manifestam de forma descontrolada – e as consequências disso são as barbáries cada vez mais frequentes nas manchetes dos jornais.

Embora Klein não tenha falado explicitamente sobre um “ambiente suficientemente bom”, como fez Winnicott, sabemos que o “seio bom” que ela descreve é algo que se origina do mundo externo em consonância com o mundo interno. Em suas palavras: “O seio bom – externo e interno – torna-se o protótipo de todos os objetos gratificantes e que ajudam; o seio mau, o protótipo de todos os objetos persecutórios externos e internos” (Klein, 1952/2023, p. 97).

Assim como um “seio bom”, políticas públicas bem estruturadas são cruciais para a formação de uma democracia mais integrada e menos desigual. Quando as políticas favorecem o bem-estar dos cidadãos, não há necessidade de recorrer à idealização de mitos salvadores. Em um cenário político equilibrado, onde as divisões são minimizadas, o indivíduo pode se desenvolver de maneira segura, vivendo cada etapa de seu processo de amadurecimento com estabilidade.

Referências

- Ciccone, M. (2003). *Madonna sobre religião e amor*. [Vídeo]. YouTube: <https://youtu.be/By7bjS9xSmU?si=QKeZl5P2C16XpA00>
- Freud, S. (2010). Introdução ao narcisismo. In S. Freud, *Obras completas (vol. 12)*. Companhia das Letras. (Trabalho originalmente publicado em 1914)

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

- Freud, S. (2010). Por que a guerra? In S. Freud, *Obras completas (vol. 18)*. Companhia das Letras. (Trabalho originalmente publicado em 1932)
- Klein, M. (2023). Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê. In M. Klein, *Inveja e gratidão e outros ensaios*. Ubu Editora. (Trabalho originalmente publicado em 1952)
- Klein, M. (2023). Nosso mundo adulto e suas raízes na infância inicial. In M. Klein, *Inveja e gratidão e outros ensaios*. Ubu Editora. (Trabalho originalmente publicado em 1959)
- Klein, M. (2023). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In M. Klein, *Inveja e gratidão e outros ensaios*. Ubu Editora. (Trabalho originalmente publicado em 1946)
- Klein, M. (2023). Uma contribuição à psicogênese dos estados maníacos-depressivos. In M. Klein, *Amor, culpa e reparação e outros ensaios*. Ubu Editora. (Trabalho originalmente publicado em 1935)
- Tourinho, P. (2024). *Ensaio sobre o cancelamento*. São Paulo: Planeta.